

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**JEAN-DANIEL POLLET, A MATÉRIA DO MUNDO**  
**25 e 31 de Março de 2022**

**L'ACROBATE / 1976**

*Um filme de Jean-Daniel Pollet*

Realização: Jean-Daniel Pollet / Argumento: Jean-Daniel Pollet e Jacques Lourcelles / Direcção de Fotografia: Alain Levent / Guarda-Roupa: Barbara Dick / Música: Antoine Duhamel / Som: Jean Charrière / Montagem: Suzanne Baron / Interpretação: Claude Melki (Léon), Laurence Bru (Fumée), Micheline Dax (Madame Lamour), Edith Scob (Valentine), Guy Marchand (Robert Pottier), Marion Game (Lili), Charlotte Alexandra (Louise), Christine Féral (Boldine), Patrick Laval (Roméo), Serge Martina (Narcisse), Jeane Manson (Dolly), etc.

Produção: Ilios Films – Les Films du Chef-Lieu – Contrechamp - ORTF / Produtores: Jean-Daniel Pollet, Jean-François Davy e Brigitte Thomasgruel / Cópia: DCP, colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 101 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Filme de fecho de ciclo ou de círculo, última colaboração entre Jean-Daniel Pollet e um actor crucial nas primeiras décadas da sua obra (Claude Melki, que aqui retoma essa espécie de alter ego por e para Pollet que é a personagem chamada Léon), **L'Acrobate** é como uma versão “expandida” do ponto em que esse ciclo começara: o absoluto princípio da obra de Pollet, a curta-metragem **Pourvu qu'on ait l'Ivresse**, de 1957, com os seus bailes, as suas danças de sedução, e o rosto, ao mesmo tempo muito vazio e muito expressivo (é evidente que Pollet viu em Melki o “seu” Buster Keaton), do actor.

É curioso notar como Pollet, cineasta capaz da mais elaborada sofisticação no seu trabalho documental (ou, digamos, não-ficcional), quando chegava às ficções preferia algo de muito básico, muito despido, muito assente na dimensão física da presença e do movimento dos actores (algo que também se pode contrapor aos seus ensaios não-ficcionais, que frequentemente lidam com a memória, com a evocação do que já não está ou já não é, com a ideia e a figuração de uma, ou várias, ausências). Nesse sentido, **L'Acrobate** serve bem de exemplo para o modo como a ficção, em Pollet, parecia um território da imanência, de um espaço e de um tempo (um *hic et nunc*) que até podem não ser contínuos mas são lineares como um presente que se estende, e sobretudo que valem por eles próprios, e pela forma como os actores os vêm habitar. Em simultâneo, a memória do burlesco, da acção de corpos sobre decóres e de decóres sobre corpos, do registo dos movimentos dos actores – tudo coisas que se condensam no corpo, no rosto e nas acções de Claude Melki, mas não exclusivamente – está inteiramente presente. **L'Acrobate** pode não fazer “rir” como os clássicos do burlesco (faz, pelo menos, sorrir, por exemplo nas cenas de massagens), mas o princípio é muito aproximável.

Partilha até, com um mínimo de perturbação, a dimensão assexuada, quase infantil, ou como de um palhaço sem maquilhagem, das figuras do burlesco, e certamente que um

dos pontos do filme está em lançar essa figura (sempre Melki) para um universo fortemente marcado pelo sexo – os salões de massagens, as prostitutas, tudo dado com uma cor a misturar uma sugestão de romantismo entre o pudor e franqueza que também permite pensar em **L'Acrobate** como um ponto intermédio (mas, digamos, “destacado”, à distância) entre Demy e Vecchiali.

Em todo o caso, sendo as ficções de Pollet tão abertas à “presença”, é a “realidade”, dada em grandes porções quase em bruto, que se impõe como centro de atracção. As cenas no salões de dança, onde Léon aprende e cultiva o tango, têm um encanto muito aproximável ao de Pourvu qu'on ait l'Ivresse, também porque, como nesse filme, Pollet leva “o cinema” (a sua máquina, os seus actores) para um ambiente que lhe pré-existe ou que, sobretudo, não existe em função dele – verdadeiros salões, verdadeiros bailarinos amadores, quase todos senhoras e senhores já de uma certa idade, mostrados e encenados com uma sinceridade calorosa e comovente. E, como num documentário sobre danças de salão, é nessas cenas que o filme e o espectador se perdem, no melhor sentido da palavra.

Luís Miguel Oliveira